

DO AUDIOVISUAL À DENÚNCIA: Uma Análise do Documentário "*O Veneno está na Mesa*" sob a perspectiva do Jornalismo Ambiental¹

Roberta Pereira Diniz Batista²

Ruth Vânia da Silva Feitosa³

Ruthy Manuella de Brito Costa⁴

Universidade Estadual do Piauí, Picos, PI

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o documentário *O Veneno Está na Mesa*, dirigido por Silvio Tendler, a partir da perspectiva do Jornalismo Ambiental, investigando de que forma a obra contribui para a denúncia dos impactos dos agrotóxicos no Brasil e para a formação de uma consciência crítica sobre saúde pública e meio ambiente. Com base em uma abordagem qualitativa e na análise de conteúdo, busca-se identificar os recursos audiovisuais utilizados para a construção da denúncia, compreender como o documentário relaciona os agrotóxicos a problemas socioambientais e econômicos, examinar o papel do jornalista como mediador entre ciência e sociedade e avaliar como a linguagem audiovisual colabora com a educação ambiental. A pesquisa parte do entendimento de que o Jornalismo Ambiental, ao dialogar com o formato documental, pode potencializar o debate público e ampliar a compreensão dos riscos e contradições associados ao modelo agrícola vigente no país.

Palavras-chave: jornalismo ambiental; documentário; agrotóxicos; denúncia; educação ambiental

INTRODUÇÃO

No período de 2003 a 2021, o Brasil obteve um crescimento no consumo anual de agrotóxicos de 392%, o que coloca o país na primeira posição entre os maiores consumidores desse tipo de composto, em 2017 segundo dados do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA) foram utilizadas na agricultura brasileira 539,9 mil toneladas de pesticidas. A expansão do agronegócio tem sido promovida como sinônimo de progresso econômico, geração de emprego e abastecimento do mercado global, mas esse discurso esconde os impactos negativos sobre o meio ambiente, a saúde pública e as comunidades rurais. O uso indiscriminado de agrotóxicos provoca contaminação do solo, da água e dos alimentos,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE21 - Jornalismo Audiovisual, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 2º. semestre do Curso de Jornalismo da UESPI. E-mail: robertabatista@aluno.uespi.br

³ Estudante de Graduação 2º. semestre do Curso de Jornalismo da UESPI. E-mail: ruthfeitosa@aluno.uespi.br

⁴ Doutoranda em Comunicação (PPGCOM UFPE). Mestra em Comunicação (PPGCOM UFPI). Professora Efetiva da Universidade Estadual do Piauí. ruthycosta@pcs.uespi.br

afetando diretamente trabalhadores rurais, populações indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais. Ao mesmo tempo, estudos apontam a relação entre essas substâncias e o aumento de doenças como câncer, problemas neurológicos e má-formações congênitas.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) afirma que os agrotóxicos causam 70 mil intoxicações agudas e crônicas por ano e que evoluem para óbito. O Dossiê Abrasco, publicado em 2015 pela Abrasco, Fiocruz e outros órgãos de pesquisa, aponta que, muito além da alimentação, consumimos agrotóxicos, pesticidas e adubos químicos por vias nem imaginadas. Este cenário levanta questões urgentes sobre o modelo de desenvolvimento adotado no campo e sobre os interesses econômicos que sustentam o uso desenfreado dessas substâncias. Diante disso, este trabalho parte da seguinte inquietação: de que forma o documentário, enquanto produto jornalístico, contribui para a formação de uma consciência crítica sobre os impactos ambientais e sociais dos agrotóxicos? Ao trazer essa pergunta como ponto de partida, buscamos compreender como a linguagem audiovisual e os princípios do Jornalismo Ambiental se articulam na construção de uma mensagem potente e acessível.

Tendo, como proposta central, analisar a produção a partir de uma perspectiva jornalística e ambiental, observando como ele informa, denúncia e provoca. O crescimento expressivo do uso de agrotóxicos no Brasil nas últimas décadas revela um cenário preocupante para a saúde pública e o meio ambiente. Embora promovido como motor de desenvolvimento econômico, o modelo de agronegócio adotado no país impõe riscos significativos às populações rurais, aos ecossistemas e à segurança alimentar. Diversos estudos, como o Dossiê Abrasco (2015), alertam para os impactos silenciosos e disseminados dos agrotóxicos, relacionados a contaminações, doenças crônicas e desequilíbrios ambientais.

Diante desse contexto, o documentário *O Veneno Está na Mesa* (2011), dirigido por Silvio Tendler, emerge como uma relevante produção audiovisual de denúncia e educação ambiental, ao articular dados científicos, depoimentos e análise crítica sobre o modelo agrícola hegemônico no Brasil. Inserido nesse cenário, o Jornalismo Ambiental cumpre uma função essencial ao mediar informações complexas e de interesse público, contribuindo para a formação de uma consciência crítica sobre os efeitos das práticas produtivas contemporâneas. Justifica-se, portanto, a escolha deste objeto de estudo por sua capacidade de articular linguagem audiovisual e prática jornalística em torno de uma pauta socioambiental urgente.

1. JORNALISMO AMBIENTAL: CONCEITO, FUNÇÃO SOCIAL E PRÁTICA CRÍTICA

O Jornalismo Ambiental é uma forma de pensar e praticar o jornalismo com foco na vida, nas relações entre sociedade e natureza, e na busca por justiça social e ecológica. No livro *Jornalismo Ambiental: teoria e prática* os autores (GIRARDI et al., 2018) apontam que para se enquadrar como Jornalismo Ambiental, uma reportagem precisa ir além da simples transmissão de informações. É necessário que apresente uma visão sistêmica dos acontecimentos, reconheça a complexidade das questões ambientais, valorize diferentes saberes, e adote um compromisso com a defesa da biodiversidade e da vida. Nesse processo, a imparcialidade tradicional cede espaço a um posicionamento ético, educativo e voltado à transformação social. Entre os muitos temas que desafiam essa prática, está o uso de agrotóxicos no Brasil, um dos países que mais consome essas substâncias no mundo.

Esses conflitos vão muito além de disputas técnicas ou científicas, eles envolvem modos de vida em risco, interesses econômicos poderosos e narrativas que tentam legitimar o uso dos agrotóxicos como algo necessário para o desenvolvimento nacional. Em alguns casos, a mídia tradicional contribui para reforçar essa ideia, ao repetir o discurso de empresas e autoridades sem questionar suas consequências. É nesse ponto que o Jornalismo Ambiental se destaca: ele rompe com a lógica do progresso e busca mostrar o que está por trás dos rótulos. Não se trata de adotar um lado por militância, mas por compromisso com a vida e com a escuta de quem sente os impactos no cotidiano, é um jornalismo que não se contenta com respostas prontas e que entende seu papel como mediador de reflexões e não apenas como transmissor de informações. Mais do que denunciar, ele propõe uma outra forma de enxergar os acontecimentos, considerando suas causas, consequências e soluções.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, com enfoque em análise de conteúdo, conforme os princípios metodológicos propostos por Bardin (1977), que visam compreender estruturas e sentidos presentes nas mensagens. O objeto de estudo é o documentário *O Veneno Está na Mesa* (2011), dirigido por Silvio Tendler, que será examinado como produto jornalístico ambiental, por meio de uma abordagem analítica que busca interpretar os recursos discursivos, narrativos e sonoros mobilizados na construção da denúncia. A análise será orientada pelos seguintes **critérios: temática ambiental e relevância social; uso e**

diversidade de fontes; técnicas de apuração e profundidade investigativa; estrutura narrativa e recursos de storytelling; elementos audiovisuais e sonoros.

3. AUDIOVISUAL COMO INSTRUMENTO DE DENÚNCIA E MEDIAÇÃO

A produção do documentário *O Veneno está na Mesa*, traz a proposta por meio do audiovisual de denunciar como o uso excessivo de agrotóxicos no Brasil aumenta cada vez mais. Nisso numa pesquisa feita pela Brasil de Fato, faz uma comparação do Brasil com Estados Unidos e China pelos os números de hectares de terra pela quantidade de agrotóxicos usados em cada, com isso o Brasil aproximadamente usa 10,9 kg de agrotóxicos para cada hectare de lavoura (10 mil m²). Já os EUA usam 2,85 kg/ha; a China, 1,9 kg/ha. Segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, o Brasil além de se tornar um grande consumidor, é considerado o maior importador de fertilizantes do mundo.

Com isso, a proposta de ser um audiovisual é justamente trazer de forma exemplificada a real situação que se agrava constantemente diante dos nossos olhos. Dentro da linha dos acontecimentos citados durante a reprodução, a linguagem jornalística está totalmente ligada, na produção de conteúdo informativo destinado ao público, com características de informações claras, objetivas e acessíveis. O jornalismo, como um mediador ético, não apenas repassando fatos, mas um agente que questiona, interpreta e denuncia estruturas de poder. Segundo Almeida Júnior (2015), a mediação da informação é um processo em que um profissional intervém na relação entre as pessoas e a informação, ajudando a facilitar o acesso, a compreensão e o uso da informação, além disso, se torna um processo emancipatório, estimulando a transformação social e autonomia em compreenderem criticamente a informação. Sendo assim, o jornalismo e o documentário estão ligados como mediador para essas denúncias, proporcionando uma reflexão crítica enxergando esses acontecimentos, considerando as causas e uma nova forma de buscar soluções que possam conscientizar uma sociedade sobre o uso indevido desses pesticidas e como afetam de tal maneira a saúde.

A narrativa é construída de forma que possa haver discussões ao trazer diferentes pontos vistas dentro do que é a agricultura, como ela pode ir do valor industrial à volta da agricultura familiar como solução para um novo modelo de produção. Dentro da construção das informações se reforça constantemente, como o valor da produção está atrelada somente ao agronegócio e o grande número de exportações. No audiovisual, vemos como especialistas como Eduardo Galeano, jornalista e escritor, aborda como países que são considerados

progressistas entram em contradição com seus próprios princípios ao aceitar agrotóxicos como se fossem uma necessidade inevitável usados contra a natureza. Essas consequências foram dadas a partir da Revolução Verde, como mencionada durante o vídeo, a necessidade de mudança proveniente da indústria da guerra, o novo modelo monocultivo em áreas extensas trocando o homem por máquinas e sementes transgênicas. Será que toda novidade tecnológica é realmente boa? Em resposta temos o agricultor Fernando Ataliba, um dos entrevistados, que discute “mesmo depois de passar 50 anos dessa novidade existindo ainda não perceberam que não dá certo, apenas malefícios, como perda da produtividade do solo, dos mananciais, da diversidade, contaminação dos solos, das águas, das pessoas e mudanças climáticas. O que mais vamos esperar acontecer pra gente perceber que esse modelo novo não é um modelo bom”, posterior, somos levados a imagens de crianças que sofreram má-formações na genética como consequência desse uso, são imagens fortes que infelizmente contam uma realidade.

Ao longo do documentário percebe-se que apesar das grandes produções, está em jogo a saúde dos agricultores com o uso dos veneno, com relatos que ao inserir esses defensivos nos seus produtos ou a mistura desses coquetéis, passaram mal, nisso compararam que mesmo indiretamente tenham se exposto frequentemente a esses produtos, ao ingerir esses alimentos estamos permitimos ser contaminados, isso pode ser observado na fala de outro agricultor que comenta “ hoje em dia estamos comendo veneno”. Por questões de indústrias e mercadológicas, estamos envolvidos num sistema que o poder econômico vai se sobressair à saúde pública, os interesses governamentais entram em conflito pelo o agronegócio colocando pressões políticas na Anvisa para que possa liberar defensivos agrícolas proibidos em forma de troca favores, como o apoio de grandes empresas nas próprias campanhas, a ganância por sempre querer mais prejudicando anos de saúde levando a doenças crônicas.

Por outro lado, vemos um pequeno agricultor familiar chamado Adonai, que vai contra esse sistema e produz uma grande safra de forma orgânica, estudando o direito da natureza e trabalhando diretamente com o solo e suas necessidades para uma produção que favoreça uma nova solução de plantio sem o uso de pesticidas, com apenas sementes crioulas. Assim temos uma nova perspectiva de que a agricultura pode mudar sua forma de produção e andar lado a lado com os direitos da natureza e o direito humano, saindo da visão que apenas o uso desses venenos pode ampliar as produções e render em grande escala. Há novas formas de lutar por um futuro melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do documentário *O Veneno Está na Mesa* evidenciou como o Jornalismo Ambiental, aliado ao audiovisual, pode atuar como ferramenta de denúncia e conscientização. A obra de Silvio Tendler se destaca ao traduzir dados complexos em narrativas acessíveis e sensíveis, aproximando o público das consequências do uso intensivo de agrotóxicos no Brasil. Os objetivos do trabalho foram alcançados ao demonstrar como o documentário articula elementos jornalísticos e ambientais para informar, provocar reflexões e estimular uma postura crítica frente ao modelo agrícola vigente. O estudo reforça a importância do jornalismo comprometido com a vida e com o interesse público. Como perspectiva futura, sugere-se investigar o impacto dessas produções na percepção da sociedade, além de ampliar o olhar para outras narrativas audiovisuais que tratem da crise ambiental.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo F. de. Informação de mídia: um conceito atualizado. Em: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dois; SILVA, Rovilson José (Orgs.). **A mídia oral fornece informação e leitura.** Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.

BRASIL. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). **Relatório de comercialização de agrotóxicos referente ao ano de 2017.** Brasília: IBAMA, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/ibama/pt-br/assuntos/quimicos-e-biologicos/agrotoxicos/relatorios-de-comercializacao-de-agrotoxicos>. Acesso em: 12 abr. 2025.

CARNEIRO, Fernando Ferreira; AUGUSTO, Lia Giraldo da Silva; RIGOTTO, Raquel Maria; FRIEDRICH, Karen; BÚRIGO, André Campos (Orgs.). **Dossiê Abrasco: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde.** Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2015. 624 p. ISBN 978-85-9876-880-9 (EPSJV); ISBN 978-85-7743-256-1 (Expressão Popular).

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; MORAES, Cláudia Herte de; LOOSE, Eloisa Beling; BELMONTE, Roberto Villar (Orgs.). **Jornalismo Ambiental: teoria e prática.** 1. ed. São Paulo: Editora Senac, 2018. 256 p. ISBN 978-85-7371-479-0.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA (INCA). **Agrotóxico.** Rio de Janeiro: INCA, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/causas-e-prevencao-do-cancer/exposicao-no-trabalho-e-no-ambiente/agrotoxico>. Acesso em: 12 abr. 2025.

TENDLER, Silvio. **O veneno está na mesa.** Direção: Silvio Tendler. Produção: Cineamazônia. Brasil, 2011. 1 vídeo (49 min). Disponível em: <https://youtu.be/8RVAgD44AGg>. Acesso em: 3 abr. 2025.